

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A ESCRITA POÉTICA DO NASCIDO DE VENTRE LIVRE RODOLFO XAVIER (PELOTAS, PÓS-ABOLIÇÃO)

Ângela Pereira Oliveira Balladares
Doutoranda
UFRGS
angelapoliveira2@gmail.com

Resumo: O objetivo desta comunicação é tratar das poesias escritas pelo nascido de ventre livre Rodolfo Xavier contidas em um periódico da imprensa negra. Rodolfo era um homem heterossexual que se autoafirmava negro em pleno contexto de racialização extrema, buscando valorizar seus antepassados e contribuir com a positividade desta categoria que lhes havia sido imposta. Ele era atuante nas organizações operárias e étnicas de sua cidade, Pelotas-RS. Rodolfo tinha a formação primária, mas gozava de um vasto conhecimento. Ainda que trabalhasse como pedreiro para sustentar sua família, ele encontrava tempo para se dedicar à leitura e à escrita. Os textos de Rodolfo versavam sobre vários temas. Ao optar pelos poemas escritos por Rodolfo, sobretudo na década de 1910, tratarei de algumas questões expressas, além das possibilidades de adentrar ao pensamento e à subjetividade dele.

Palavras-chave: Imprensa negra. A Alvorada. Rodolfo Xavier.

Na minha tese de doutorado, ainda em andamento, tenho me dedicado a trajetória do nascido de ventre livre, Rodolfo Xavier¹. No início do século XX, Rodolfo era um dos homens negros que se destacaram em sua cidade natal, Pelotas-RS. A sua importância se deve, entre outros aspectos, ao fato dele ter um papel fundamental na imprensa negra local, tendo sido um dos fundadores do jornal *A Alvorada* e um dos mais longos colaboradores desse periódico. Ele também era militante do movimento operário, envolvido com a busca por melhores condições de vida aos trabalhadores. Rodolfo atuava nas associações de classe e divulgava suas ideias por meio do *A Alvorada*, além de utilizar-se desse espaço para denunciar e combater o preconceito racial.

Neste pequeno recorte de minha pesquisa, me proponho a apresentar uma outra perspectiva de seus textos, ainda não explorada, as poesias. O interesse pela abordagem de sua produção poética, ainda que não fosse o gênero predominante entre seus textos,

¹ Os textos escritos por Rodolfo Xavier, publicados no jornal *A Alvorada* (1907-1965), foram utilizados como fonte de pesquisa por Beatriz Loner, em sua tese de doutorado (1999), publicada, posteriormente, em livro (Loner, 2001), e que, atualmente, possui sua segunda edição (Loner, 2016). A historiadora também abordou a trajetória do irmão de Rodolfo, conhecido como Antônio Baobá (Loner, 2011). Tendo escrito algumas questões que remetem a sua trajetória pessoal e profissional, nos seus textos do jornal *A Alvorada*, Rodolfo não é um sujeito desconhecido na historiografia local, em razão dos estudos anteriores que tratam a seu respeito e/ou fazem uso de seus textos. Entre eles temos, por exemplo: Alves (2005), Santos (2003) e Silva (2011 e 2017).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

foi motivado pelas possibilidades de acesso a subjetividade desse homem negro. O objetivo do ensaio é abordar a expressão dos sentimentos de um homem negro, nascido de ventre livre, nesse caso, em específico, de Rodolfo Xavier, em pleno contexto de racialização extrema, como o do pós-abolição, através da apresentação dos seus versos.

Rodolfo foi alfabetizado em curso noturno na Bibliotheca Pública Pelotense (BPP)², onde recebeu a influência de diversas ideias que circulavam em sua época, como, por exemplo, do evolucionismo. E mesmo tendo somente a instrução primária possuía um vasto conhecimento, fruto de sua dedicação ao estudo. Através de *A Alvorada* vemos que a educação para a população negra foi uma das suas principais reivindicações de Rodolfo quanto aos limites da cidadania negra. Ainda que fosse um homem letrado, as profissões de Rodolfo estiveram ligadas ao uso de sua força física, tendo ele atuado em diferentes ofícios, mas se consolidando na profissão de pedreiro.

No que se refere as vivências familiares, Rodolfo cuidou de sua mãe, Eva, na velhice. Ele teve um filho com Teodora, chamado de Enjolras, que apesar de ter sido reconhecido, não fez parte de seu convívio familiar. Aos 49 anos, Rodolfo casou com Francisca, com quem teve outro filho, Adão, que nesse caso, foi legitimado. Rodolfo ficou viúvo, tendo Francisca falecido precocemente em decorrência de câncer. Adão partiu para a fronteira para servir ao exército e não retornou a viver em sua cidade natal. Adão e Rodolfo seguem mantendo contato, ainda que vivessem a muitos quilômetros de distância um do outro.

Posteriormente, Rodolfo arrumou uma outra companheira, Lola, com quem vive amasiado. Assim, como sua falecida esposa, Lola era uma mulher dedicada aos serviços domésticos e não trabalhava fora do lar. A velhice de Rodolfo não contou com uma companheira ao seu lado, isto porque, Lola acabou falecendo bem antes dele. Rodolfo viveu seus últimos dias sob os cuidados da família de Francisca e, em 1964, aos 89 anos, deu seus últimos suspiros em vida e foi ao encontro de seus antepassados.

² Quando Rodolfo ingressou nos estudos está era a única instituição que disponibilizava o curso noturno. A respeito do curso noturno masculino da BPP, ver: Peres (2002).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

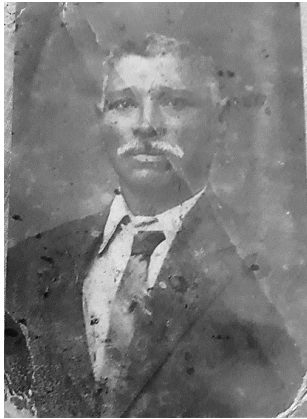


Foto: Rodolfo Xavier (1872-1964).

Fonte: Acervo pessoal de Isabel da Silva e Souza.

O jornal *A Alvorada* (1907-1965) não possui um corpus documental completo, armazenado num único acervo. O periódico pode ser acessado por meio da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (HBN), através da plataforma digital, onde constam os números publicados na década de 1910 e outros aleatórios; da BPP, localizada em Pelotas, onde encontra-se o maior número de exemplares reunidos, de 1931 a 1965. Através do site da BPP é possível acessar uma parte do acervo do jornal, de modo online, no entanto, essa modalidade não está completa pois os exemplares contidos na instituição ainda estão sendo digitalizados. Além desses espaços, encontramos *A Alvorada*: na Biblioteca Pública Rio-grandense, localizada em Rio Grande; no Clube Cultural Fica Ahí Pra ir Dizendo, em Pelotas; no Núcleo de Pesquisa Histórica (NPH), que fica no Campus do Vale da UFRGS, em Porto Alegre, e, no Núcleo de Documentação Histórica (NDH), localizado no ICH da UFPel, em Pelotas, sendo que as duas últimas instituições compartilham do mesmo acervo da HBN.

Após mapear os locais de armazenamento da principal fonte, selecionei as edições do jornal que continham textos escritos e assinados por Rodolfo. Imediatamente, passei a transcrever os mesmos a fim de acessá-los quando fosse necessário por meio da organização de meu próprio acervo. Esse processo me permitiu domínio da escrita de Rodolfo. A partir daí, a seleção dos textos a serem abordados, dentro de um corpus documental composto de mais de 400 crônicas, passou a ser feita de acordo com meus interesses de pesquisa. Inicialmente, a poesia não despertou o meu interesse.

No entanto, ao meu aprofundar na trajetória de Rodolfo, sobretudo, através do uso da metodologia da história oral, a escrita poética desse homem negro passou a ser vista por mim, com outros olhos, em razão das possibilidades de reflexão presentes em seus versos. Por meio da história oral elaborei novas fontes, através da realização de entrevistas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

com Isabel Cardoso da Silva e Souza, afilhada de Rodolfo, única parente viva localizada que conviveu com ele. Nas entrevistas com dona Isabel, realizadas em sua residência, tive acesso a outra perspectiva da personalidade de Rodolfo que não foi possível observar por meio das outras fontes, ou seja, das fontes escritas.

Rodolfo era um sujeito que apreciava a literatura. Um dos indícios é o nome de seu primeiro filho, Enjolras, baseado em um dos personagens da obra *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. Em segundo, ao acompanhar os textos por ele escritos temos a dimensão de seu conhecimento de obras e autores, tendo ele citado várias e mesmo tecido comentários acerca de algumas.

O periódico *A Alvorada* teve uma longa duração, de 1907 a 1965. Durante o período de sua existência houve algumas interrupções na circularidade do jornal, como ocorreu, por exemplo, durante a década de 1920, em razão de problemas financeiros. Rodolfo escreveu seus textos para o semanário de 1911 a 1964, sendo um dos mais longos colaboradores. Ele recebeu homenagens de seus colegas em datas comemorativas como o seu aniversário ou o do próprio jornal. Vejamos o que foi colocado em uma delas:

Num pleito de grande admiração e justiça, prestamos nesta página uma modéstia, mas significativa homenagem ao nosso antigo e ilustrado colaborador sr. Rodolfo Xavier, que pelo seu passado brilhante, de combatente invencível das causas sacrossantas e justas dos humildes e dos negros, se tornou um líder entre os obreiros, e no seio das hostes frentenegrinas.

Pela sua constante dedicação aos interesses do povo e da humanidade, pois que jamais deixou de exprimir, com o brilho da sua inteligência, todo o vigor impressionante dos seus sábios conceitos, sempre que assim exigia as circunstâncias, o nosso ilustre amigo, sr. Rodolfo Xavier tornou-se um nome merecidamente acatado no jornalismo periódico desta terra.

A Alvorada, 05.05.1936, p.01, Homenagem.

Com o recorte temático das poesias, obtive duas tipologias, as de autoria de Rodolfo e as transcritas de outros autores. Nesse ensaio, o interesse consiste naquelas formuladas por Rodolfo uma vez que o objetivo é dialogar acerca da subjetividade desse homem negro. No entanto, faço um breve parênteses para tratar de uma das poesias transcritas por ele.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Em 1949, Rodolfo trouxe o poema *Quem sou eu?*³, de Luiz Gama. Em suas palavras “uma Sátira das mais farpantes aos pruridos raciais”⁴. Rodolfo utilizou o seu espaço no jornal *A Alvorada* para denunciar o racismo. Ainda que compartilhasse das noções de raça, próprias de sua época, baseadas nas teorias raciais, ele não deixou de questioná-las e de defender a população negra dos estigmas que acompanhavam essas ideias. Rodolfo lembrou de Luís Gama pelo seu empenho em denunciar o preconceito racial e como um ícone representativo da importância da luta política de pessoas negras, sobretudo quando buscava exemplos do valor dos sujeitos negros ou escrevia sobre a data do 13 de maio. Portanto, o conhecido abolicionista, foi citado por Rodolfo em outros momentos. Enquanto escritor e poeta, está foi a única menção a ele que encontrei.

As poesias assinadas por Rodolfo foram publicadas na década de 1910 (em 1912, 1915 e 1916). Porém, isso não significa que tenham sido escritas por ele naquele momento. No mesmo período, ele escreveu outros textos a respeito de diversas temáticas, não se limitando as poesias. Em 1915, o gênero poético se fez mais presente em seus textos, em comparação aos outros anos, o que acredito estar relacionado com o fato de que esse foi o ano do falecimento de sua mãe, a lavadeira Eva, que idosa, estava sob seus cuidados.

Eva realizou sua auto-compra, antes de Rodolfo completar seus dois anos. Na época, ela trabalhava como cozinheira o que pode ter facilitado a sua aquisição de pecúlio e lhe permitido adquirir sua liberdade. Tendo seu filho nascido de ventre livre, Eva soube negociar com seu ex-senhor, a sua legitimidade sobre a criança. Ela partiu do domínio senhorial junto com seu filho, Rodolfo. Não tardou para que a família estivesse reunida,

³ “O que sou eu, e como penso, / Aqui vai com todo senso / Posto que já veja irados / muitos corpos em furados, / vomitando maldições, / contra as minhas reflexões. / Eu bem sei que sou qual grilo / de maçante e mal estilo; / e que os homens poderosos / desta arenga receosos / hão de chamar-me - tarello, / bode, negro, mongibelo; / porém eu que não me abalo, / voltamos vendo meu badalo / com repique impertinente, / pondo a trote muita gente. / Se negros ou, ou sou bode / pouco importa. O que isso pode? / bodes ha de toda casta / pois que espécie é muito vasta. / Há cinzentos, há rajados, / baios, pampas e malhados, / bodes negros, podes brancos, / e, sejamos todos os francos, / uns plebeus, e outros nobres, / bodes ricos, bodes pobres, / bodes sábios, importantes... / aqui nesta boa terra / morrem todos, tudo berra; / nobres condes e duquesas, / ricas damas e marquesas, / deputados, senadores, / gentis-homens, vereadores, / de nobrezas empantufadas; / repimpados fidalgotes, / orgulhosos principotes, / frades, bispos, cardeais, / fanfarrões imperiais, / gentes pobres, nobres gentes, / em todos há meus parentes. / Entre a Brava militância / fulge e brilha alta bodança; / guardas, cabos, furriéis, / brigadeiros, coronéis, / destemidos marechais, / rutilantes generais / capitães de mar-e-guerra / - tudo marra, tudo berra / - na suprema eternidade, / onde habita a Divindade / bodes há santificados / que por nós são adorados.” Luiz Gama

⁴ *A Alvorada*, 05.05.1949, p.02.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

logo após, Antônio, o filho mais velho de Eva, se tornar liberto. Rodolfo e Antônio eram filhos do senhor de sua mãe, mas não foram reconhecidos e nem mesmo havia um relacionamento afetivo por parte de Eva e de seu senhor. Rodolfo foi criado por uma figura feminina, a sua mãe. Em seus artigos, ele não escreveu especificamente sobre ela, ainda que em muitas memórias relatadas, ela tenha sido mencionada. Quanto ao irmão, Rodolfo deixou dois textos a seu respeito, com uma linguagem bastante impessoal, tratando de sua importância pública e não adentrando em questões pessoais.

Rodolfo acompanhava a mãe, quando ela realizava seu ofício, ou seja, passava o dia na companhia de outras mulheres que igualmente lavavam roupas na beira do arroio e brincava com as crianças que assim como ele acompanhavam essas mulheres. Quando mais velho, Rodolfo passou a acompanhar seu irmão, Antônio, quem o apresentou a vida pública, por meio do mercado de trabalho e dos espaços de organização operária. Antônio faleceu precocemente, vítima da tuberculose, em 1907, mesmo ano que o periódico *A Alvorada* começava a circular. Antônio incentivou a existência de um jornal da imprensa negra em sua cidade e Rodolfo esteve entre os fundadores, sendo que os irmãos Penny, Juvenal e Durval, eram os seus primeiros proprietários. O primeiro texto escrito por Rodolfo que localizei no jornal *A Alvorada* data de 1911. A ausência de seus textos nas primeiras edições pode estar relacionada ao fato dele ter estado de luto, ao lado de sua mãe, quem cuidou de Antônio até o seu último suspiro de vida.

Durante a entrevista com Isabel, ela me relatou que Rodolfo ficou viúvo em decorrência de sua esposa Francisca, ter tido câncer no sistema reprodutivo. Fato que se deu posteriormente a escrita de suas poesias, em meados da década de 1940. Ela lembrou da tristeza que era vê-lo ao longo desse período de luto. Segundo narrou Isabel, ele ficou bastante debilitado, não comia direito e por isso perdeu peso, além de ter descuidado da aparência física, como, por exemplo, não aparando a barba. Essa colocação me permitiu levantar a hipótese exposta no parágrafo acima, quanto à ausência de textos de autoria de Rodolfo nos primeiros anos do *A Alvorada*.

No que se refere a percepção que Isabel tinha a respeito de seu padrinho, contou que lhe parecia um sujeito taciturno, ou seja, um homem calado, de expressões tristes, quieto e que não expressava gestos de carinho na presença de outras pessoas, nem mesmo com seu filho, Adão, quando do falecimento de sua mãe, Francisca.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O modo como Rodolfo performava a sua masculinidade não se deu apartada da influência da racialização. Quando menino ele esteve muito próximo de figuras femininas e na medida em que crescerá um pouco mais, deixou de estar entre as mulheres para acompanhar o irmão. A inserção na vida pública foi marcada pelo aprendizado de um ofício e sua entrada no mercado de trabalho.

Rodolfo se autoafirmava negro ainda que essa categoria fosse extremamente estigmatizante, no intuito de tornar a condição racial que lhe foi imposta afirmativa, ou seja, dar a categoria um conteúdo positivo. Ele viveu em um contexto em que a violência sobre o corpo negro e os preconceitos eram tão intensos que possivelmente, internalizou diversos conflitos pessoais e teve sua autoestima afetada.

Rodolfo buscou através da imprensa, valorizar a sua imagem. Um exemplo, é o uso de terno em suas fotos, traje que cotidianamente não usava. Possivelmente, ele alugava ou conseguia emprestado, de um amigo ou mesmo no próprio estúdio fotográfico. Rodolfo era um homem sério, calado, exigente, conservador e que não demonstrava seus sentimentos ou falava a esse respeito, mesmo que outras pessoas que conviveram com ele, tenham notado sua tristeza nos momentos em que esteve de luto. Quanto ao seu comportamento, Rodolfo não se diferenciava do padrão hegemônico de masculinidade que era predominante em sua geração.

A afinidade de Rodolfo com a literatura pode ser observada nas suas poesias que tinham características que as remetem a influência de duas escolas literárias, o romantismo e o realismo. Esse estilo de escrita não esteve apenas em seus poemas, influenciaram também o seu modo de escrever. A primeira poesia a ser apresentada denomina-se *Tiradentes* e foi publicada em 1912. O tema da poesia já é um indício de que está tratando do passado, nesse caso, um passado histórico, como podemos notar em uma de suas estrofes:

(...) O teu crânio espetado noite e dia,
símbolo varonil da Liberdade,
que serve como espectro a tirania
destas terras de grande virgindade,
essa luz pavorosa é tão sombria,
produto da mais torpe iniquidade,
e que hoje alumia, tudo cai
menos teu Nome que ao infinito vai!
Vós outros companheiros de suplício
que uma vontade régia nulifica,
não lamenteis o duro sacrifício

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que ante essa dura sorte sempre fica
Vereis da vossa tumba o benefício
que trará a Nação que o glorifica (...)
A Alvorada, 21.04.1912, p.01, *Tiradentes 1792*.

No início do poema, nos deparamos com a relação expressa entre violência, liberdade e masculinidade. Rodolfo partilhava desse ideal romântico de morrer e/ou sacrificar-se pela pátria, tema abordado em sua poesia a partir da figura de Tiradentes. Somente no início do período republicano, Tiradentes foi transformado em herói nacional (CARVALHO, 1990 e FAUSTO, 2013). Portanto, temos um possível indício de que Rodolfo era um sujeito informado quanto aos debates políticos que se davam no âmbito nacional.

Entre as características que remetem o poema a escola literária do romantismo, temos: o nacionalismo, a exaltação de um herói nacional e da liberdade. A poesia trata de um sujeito que morre por sua pátria. Rodolfo era um sujeito engajado, que durante toda a sua vida defendeu a população negra dos estereótipos que lhes eram atribuídos e reivindicou direitos. Ele era um sujeito que se manteve entre os populares, mesmo possuindo um capital simbólico intelectual que o diferenciava da grande maioria dos homens negros de sua época.

Outra maneira de se expressar através de seus textos poéticos teve a influência da escola literária realista, na qual a principal característica identificada foi a escrita de suas próprias experiências na narrativa. Rodolfo se tornava assim um personagem de seus textos e esse elemento nos possibilita conhecer ainda mais sobre esse sujeito.

(...) Caio, pela terceira vez na estrada.
Parece fado, ou triste sina a minha.
Não ri! Converso lucido o juízo;
Pois, pra dizer verdades é preciso
Beber muita caninha!
Tua Lei não se importa
Que eu bata, ou durma tremulante a porta
Dum templo, ou dum bordel.
Só me procura quando faço um crime,
E então, imperiosa, não me exime
De escrever seu PAPEL. (...)
A Alvorada, 13.08.1916, p.01, *O Doido*.

Através das entrevistas de história oral, com D. Isabel fui informada de que Rodolfo gostava de beber e que provavelmente frequentava bares, botecos e botequins. A presença dele nesses espaços remete ao modo como construiu a sua masculinidade

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

coletivamente, possibilidade demonstrada por Sidney Chalhoub (2001) ao analisar o comportamento dos trabalhadores frequentadores de bares. A relação de Rodolfo com o consumo de bebida alcoólica era sociável, porém, se tornou frequente em seu cotidiano nos momentos que vivenciou o luto. Logo, a poesia acima pode ter sido feita quando Rodolfo enlutado, escreveu sobre seus sentimentos. Entre eles, temos o de revolta, motivado pela percepção de que o Estado e as instituições reproduzem hierarquias raciais, e negam a humanidade para as pessoas negras.

Em outro caso, o tema abordado por Rodolfo foi o papel e o dever das mães na criação de seus filhos. Tratar a respeito da mãe, naquele momento, pode ser um indicativo de que a sua referência maternal ainda se fazia muito presente, mesmo que não tenha tratado de uma pessoa em específico, mas da figura maternal como um todo.

(...) Outrora as mães levaram os seus filhos
Ao pé do vicio para ver-lhe o efeito,
Para os guiar nos luminosos trilhos
Do amor pátrio o dever, da honra ao respeito. (...)
A Alvorada, 13.08.1916, p.01, O doido

O trecho também é um indicativo das ideias difundidas naquele contexto, no que se refere aos valores morais, e apresenta um tom conservador próprio do período. A ênfase de Rodolfo quanto ao sentimento patriótico se fez presente em diversos momentos de seus textos. Essa era uma tentativa dele, de reafirmação da presença dos sujeitos negros na construção da nação, que até aquele momento não havia sido reconhecido.

Na poesia intitulada *O mar*, Rodolfo escreveu a respeito de um tema abstrato, como a natureza, ainda assim ele se inseriu nesse universo como um personagem. A menção que ele fez a si permite pensar o modo pelo qual o próprio sujeito se percebe, segundo suas palavras:

(...) Enfim! E nem o gelo e nem os ursos brancos,
Nem as noites da Islândia em gélicos arrancos,
Nem eu próprio com toda a minha profundeza
Que ora falo suave e às vezes com braveza,
Não podemos cortar-te as longas travessias! (...)
A Alvorada, 25.04.1915, p.02, Episódios – O mar

Mesmo que Rodolfo tenha sido um homem que aprendeu a reprimir a expressão de seus sentimentos, que tenha vivido em um período no qual a violência e a desumanização do homem negro eram intensas, podemos perceber que a sua escrita é atravessada por uma grande sensibilidade. Rodolfo não expressava seus sentimentos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

publicamente porque culturalmente aprendeu que não era esse o papel desempenhado pelo gênero masculino, mas isso não significa que ele não era um sujeito intenso e afetivo. O último trecho de poema que selecionei, demonstra exatamente isso, a capacidade de expressar por meio da escrita uma diversidade de sensações e emoções.

(...) E pouco a pouco foste indo a tua vontade
Perscrutando os tufões, a chuva e a tempestade,
Os mistérios d'outrora, ocultos, e os medonhos
Dramas do mar, da luz, das terras e dos sonhos
Para vires depois contar aos ignorantes
Aquilo que a ninguém houveram dito antes!
Armada do escafandro, a bússola e o vapor,
Do submarino que é dos mares o terror,
Estou vendo-te agora a conversar sem fios
Por cima de vulcões, de montes e de rios.
Teu amor vai do mais violento ao mais suave
Como os uivos do lobo aos trilhos d'uma ave;
E quem te escute um pouco e note teus encantos
Jamais se lembrará de mágoas e de prantos.
A Alvorada, 02.05.1915, p.03, Episódios - O infinito

Por fim, penso que a poesia tenha sido um mecanismo de expressão dos sentimentos desse homem negro, em uma sociedade com noções racializantes que estigmatizou os homens negros retirando sua humanidade e os reduzindo a apenas um corpo, muitas vezes, hipersexualizado e violento.

Adentrar na percepção que Rodolfo fazia de si, não é uma tarefa fácil de se alcançar. Os temas políticos eram predominantes em seus escritos. Ainda assim, tenho buscado pela subjetividade desse homem negro através de pequenos indícios, por acreditar ser uma perspectiva muito pertinente e relevante na desconstrução de estigmas construídos outrora, que estão internalizados na sociedade até os dias atuais. Essa é uma abordagem bastante inicial, que necessita de um maior aprofundamento teórico, mas que acredito ser pertinente para o debate histórico.

Fontes (organizadas por tipologias)

➤ Documentos cartoriais

APERS. Carta de Liberdade de Eva. Pelotas, 1876.

Acervo pessoal. Certidão de casamento de Rodolfo Xavier e Francisca de Paula da Silva Fagundes, Pelotas, 02.05.1923.

Acervo pessoal. Certidão de óbito de Rodolfo Xavier, Pelotas, 03.03.1964.

Acervo pessoal. Certidão de nascimento de Adão da Silva Xavier, Pelotas, 27.10.1928.

APERS. Certidão de nascimento de Edgar Soares Xavier, Pelotas, 06.06.1937.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

➤ Documentos eclesiásticos

Certidão de batismo, Rodolfo, Pelotas, 25.07.1874.

➤ Fonte Oral

Entrevista com Isabel Cardoso da Silva e Souza, em 27.10.2018 e em 07.03.2019, na residência dela, em Pelotas, concedida para fins da pesquisa.

➤ Jornais

BPP. Pelotas. *A Alvorada*. 05.05.1949, p.02. Quem sou eu?
BPP. Pelotas. *A Alvorada*. 05.05.1935, p. 02. Antônio Baobá.
BPP. Pelotas. *A Alvorada*. 05.05.1955, p. 01. Antônio Baobá.
HBN. Pelotas. *A Alvorada*. 21.04.1912, p.01. Tiradentes 1792.
HBN. Pelotas. *A Alvorada*. 05.05.1936, p.01, Homenagem.
HBN. Pelotas. *A Alvorada*. 13.08.1916, p.01, O Doido.
HBN. Pelotas. *A Alvorada*. 02.05.1915, p.03. Episódios - O infinito.
HBN. Pelotas. *A Alvorada*. 25.04.1915, p.02. Episódios - O mar.

➤ Leis

IMPÉRIO DO BRASIL. Lei n. 2.040, de 28.09.1871. Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia a criação e tratamento daqueles filhos menores e sobre a libertação anual de escravos.

Referências bibliográficas

ALVES, Lúcio. Rodolpho Xavier: uma intelectualidade na organização sindical e na luta dos negros em Pelotas (1931-1935). *Monografia* (Licenciatura História). Pelotas, UFPEL, 2005.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o Imaginário da República no Brasil*- São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001. 2 ed.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013, p.103.

LONER, Beatriz. Antônio: de Oliveira a Baobad. In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio (orgs.). *Experiências da emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)*. São Paulo-SP: Selo Negro, 2011, p. 109-136.

_____. Classe operária: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937. *Tese de Doutorado* (Sociologia). Porto Alegre: UFRGS, 1999.

_____. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: UFPel, 2001.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

_____. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande*. Pelotas: Ed. UFPel, 2016.

PERES, Eliane. *"Templo de Luz": os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875 – 1915)*. Pelotas-RS: Seiva Publicações, 2002.

SANTOS, José Antônio dos. *Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957)*. Pelotas. Ed. Universitária, 2003, v. 7.

SILVA, Fernanda da. *As lutas políticas nos clubes negros: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguaí no pós-abolição (1870-1960)*. *Tese de Doutorado (História)*. Porto Alegre-RS: UFRGS, 2017.

_____. *Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em pelotas (1820-1943)*. *Dissertação de Mestrado (História)*. Porto Alegre-RS: PUCRS, 2011.